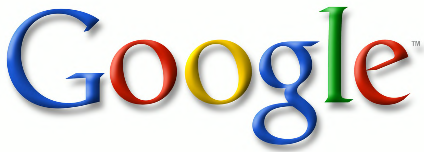


JUSTIÇA

DRAMA EM 2 ACTOS

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

TERCEIRA EDIÇÃO

PORTO
EM CASA DE P. PODESTÁ & IRMÃO — EDITORES
9, Rua do Laranjal, 16

1872

JUSTIÇA

DRAMA EM 2 ACTOS

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

TERCEIRA EDIÇÃO

PORTO
EM CASA DE P. PODESTÁ & IRMÃO — EDITORES
2, Rua do Laranjal, 16

1872

IMPRENSA DA LIVRARIA FRANCESA E NACIONAL

PERSONAGENS

D. Ignez
D. Miquelina
Fernando Soares
D. Maria
Luiz d'Abreu
Pedro da Nobrega
Administrador do Bairro
Medico
Escrivão da Administração
E figuras que não fallam.

A scena passa-se em Lisboa, n'um Hotel.

JUSTIÇA

ACTO PRIMEIRO

Uma saleta com porta ao fundo, para um corredor de serventia commum, e outra porta lateral para uma camara.

SCENA I

D. IGNEZ, LUIZ, E PEDRO *sentados, em final de jantar, em roda de uma mesa, aonde avultam garrafas com differentes vinhos, fructas etc.* IGNEZ *toma do taboleiro servido por um creado, uma chavena de café, com que retribue a que lhe é offerecida por* PEDRO DA NOBREGA. *Entretanto,* LUIZ, *preguiçosamente recostado, saborea um calix de vinho, e fuma. Affecta os ares d'uma meia embriaguez, e extasia-se nos rolos de fumo que lança do charuto.*

Luiz

Vejo tudo côr de rosa... A vida tem cousas bem boas, digam lá o que disserem os poetas de cemiterio. Poucos são os que sabem tirar proveito d'esta sublime patarata que os traductores em vulgar denominam sociedade. Achas que digo bem, Pedro da Nobrega, meu illustrado amigo?

Pedro

Dizes o melhor que se tem dito sobre a materia. Em quanto a mim, está provado que o mundo não é um valle de lagrimas, pelo menos no todo. Ha certos pedaços do mundo aonde não ha lagrimas.

Luiz

Particularmente nos terrenos onde predomina a *Malvasia*, a *Madeira*, e o *Champagne*.

Pedro

E o *Porto*. Faz favor de não esquecer o *Porto*. Eu sou patriota, e tenho minhas convicções a respeito do vinho do Porto.

Luiz

Se me dás licença, dir-te-hei que és um imbecil. Os homens de paladar mais depravado são os inglezes: ora, o vinho mais querido dos inglezes é o vinho do Porto: logo o vinho do Porto é um vinho depravado.

Pedro

Destinguo... mas nós esquecemos que está aqui uma senhora, e a conversa de armazem decerto não lisongêa o gosto de uma dama.

D. Ignez

Triste e resentida

Não importa; conversem no que quizerem.

Pedro

Nada, minha senhora, o assumpto é improprio.

Luiz

D'acôrdo; o assumpto é improprio; mas uma senhora de boa sociedade eclipsa-se, logo que a razão dos convivas machos se vai eclipsando. Quando estoura o gaz da primeira garrafa, é chegada a hora das expansões; e a mulher, que vive de brisas, e arrobamentos d'alma, levanta-se, e recolhe-se ao sanctuario dos seus devaneios.

D. Ignez

Depõe a chavena.

Eu retiro-me, Luiz... é isso que queres dizer?

Luiz

Sorrindo e bebendo.

És uma creatura intelligente, Ignez...

D. Ignez

Vexada e opprimida.

Podéras-m'o ter dito... Bem sabes que eu não estou no caso de observar todos os deveres d'uma senhora de boa sociedade...

SCENA II

Luiz e Pedro

Luiz

Sorrindo

Não tem sal nenhum o remoque...

Fernando dá o braço a D. Ignez, e conduze-a á porta do quarto; Luiz, reparando na urbanidade do conviva, solta um frouxo de riso.

Estes homens, em vivendo na capital um anno, tornam-se cortezãos até ao ridiculo... Sinto-mo bem. Sinto descozerem-se-me os rofegos do espirito. Estou expansivo como um amante depois de jantar. Até me sinto poeta, Pedro da Nobrega. A fonte dos poetas barbaros era d'agua, e, se bem me lembro, chamava-se Aganippe. A cousa agora é outra. A agua passou para a prosa aguada, e o vinho reassumiu toda a importancia que lhe deu o velho Horacio.

Pedro

Sinto quebrar o fio d'essa eloquente babuzeira, meu caro Luiz d'Abreu... Attende, tu tratas muito mal as mulheres...

Luiz

Trato!? essa é boa! Como costumas tu tratar as mulheres?

Pedro

Aposto que estás cansado de ser feliz!... Ha quanto tempo a tiraste de casa?

Luiz

Dous mezes. Nunca soffri tanto tempo as consequencias d'uma loucura...

Pedro

Se bem me lembro, não é esta a primeira loucura de tal genero...

Luiz

Pois ahi é que está a sandice... Eu ja devia saber como sou. A primeira mulher que subtrahi ás vigilancias paternaes, era uma trigueirinha, chamada...

chamada... acho que era Angelina... Casei-a com um calafate, vinte dias depois. Sou um homem honrado. Fiz da pequena uma esposa modelo, e uma mãi exemplar. A segunda era uma rapariga bem educada e chamava-se... chamava-se... acho que era Angelina...

Pedro

Pois tambem era Angelina?!

Luiz

Pois a primeira tambem era Angelina?!

Pedro

Disseste que sim.

Luiz

Disse?... então não sei verdadeiramente o nome de nenhuma... Seria ella Celestina?

Pedro

Eu sei cá...! perguntas-m'o a mim?

Luiz

Pois dou-te a minha palavra de cavalheiro, que não sei bem se a terceira é que é Angelina.

Pedro

Já é a terceira! E que é feito da segunda?

Luiz

A Angelina?

Pedro

Sim, seja lá quem fôr.

Luiz

Essa... acho que casou, e está n'uma quinta creando patos, e gallinhas do Maranhão.

Pedro

E a terceira?

Luiz

A terceira é a Angelina?...

Pedro

E a quarta é Angelina, e a quinta é Angelina...

Luiz

Alto lá... quinta é demais: a quarta é esta rapariga que se chama Ignez.

Pedro

E quem é esta mulher?

Luiz

Pois eu não t'o disse já?

Pedro

Quando, se nos vimos, pela primeira vez, hoje em Lisboa, desde que, ha dous annos, te deixei no Porto?

Luiz

Eu te digo...chega cá essa vela (*acende o charuto com difficuldade*). Esta Ignez é filha d'uma beata, visita de minhas tias do Porto.

Pedro

E que mais?

Luiz
E tu que mais queres?

Pedro
Como a seduziste?

Luiz
A pergunta é tola! Pergunta a esta garrafa como é que ella electrisa as almas de gutta-percha, e faz d'um tupinamba um orador parlamentar, se ella tem a fortuna de ser elegivel...

Pedro
Promettesto casar?

Luiz
Penso que sim.... não minto... sou um homem honrado; mas, se prometti, não faltei ainda. Tenho o infinito como prazo; e, como não invoquei o céo por tabellião nem testimunha, a coisa passou-se entre nós...

Pedro
Estás aborrecido, é o grande caso.

Luiz
Abrindo a bocca
Muito aborrecido... Ha dous mezes... Dous mezes, da maneira como agora se vive, são a vida d'um homem. As eternidades dos amantes não podem ir além de tres semanas.

Pedro
E estudas o pretexto para te desfazeres da carga...

Luiz

Parece-me que sim... Preciso ir á ilha de S. Miguel casar com uma parenta rica e velha, e não me lembra maneira nenhuma decente de tirar passaporte só para mim... Tu és homem de imaginação ?

Pedro

Sou uma desgraça a respeito d'imaginação. Querias que eu inventasse a maneira decente de te remires do pezadello?

Luiz

Dava-te um beijo... Olha lá! que vinhas tu aqui fazer a este hotel, quando hoje te encontrei no pateo?

Pedro

Vinha visitar um brazileiro; que me foi hontem apresentado no *soirée* do visconde de Cascaes.

Luiz

Que hippopotamo é esse personagem?

Pedro

É um consummado cavalheiro, homem de muita instrucção, muito symphatico, e extremamente delicado.

Luiz

Rico?

Pedro

Fazem-lhe dous milhões de cruzados.

Luiz

Não é má fatia!... Tem filhas?

Pedro

Dizem que tem uma natural.

Luiz

Em algum collegio?

Pedro

Não sei: elle não falla n'ella. O visconde de Cascaes deu-me a perceber que este homem se retirára de Portugal por causa d'um rapto, e suppõe que mudou de nome no Brazil.

Vóz de fóra

A chave do quarto n.º 5.

Pedro

É elle que pede a chave... Lá está parado, á espera, no corredor.

Luiz

Diz-lhe que entre.

Pedro

Para Fernando Soares no corredor

Snr. Fernando Soares, em quanto não vem a chave, se v. s.ª quer entrar no quarto d'este meu amigo...

SCENA III

Os mesmos, e Fernando Soares

Fernando

Tocando a mão com a de Pedro

Pois não, snr. Nobrega... como passou?

Pedro

Optimamente. Tenho a honra de apresentar-lhe o meu amigo e patricio Luiz d'Abreu

Fernando

É do Porto este cavalleiro?

Luiz

Sou do Porto... Tem a bondade? *(aproxima-lhe cadeira, que Fernando não occupa).* Serve-se d'um calix de vinho? de genebra? um charuto?

Fernando

Muito grato.

Luiz

É brazileiro, ou portuguez?

Fernando

Nasci em Portugal, e estou naturalisado no Brazil. Ha vinte annos que deixei esta terra, e volto hoje a reconhecer os monumentos da minha infancia.

Luiz

Pois, senhor, querendo cartas de apresentação para o Porto, com muito gosto...

Fernando

Muito reconhecido ao seu favor. Tenho relações commerciaes com o Porto, e estas são-me sufficiente apresentação.

Voz Fora

A chave do quarto n.º 5.

Fernando
Faz menção de retirar-se
Se me dá licença...

Luiz
Apertando-lhe a mão
Meu caro senhor...

Fernando
O mesmo á Nobrega
Snr. Pedro da Nobrega... o meu quarto e o meu prestimo estão ás suas ordens. Meus senhores, boa noite. *(Sahe)*.

SCENA IV
Pedro e Luiz

Luiz
O homem parece fino! Tem um metal de voz insinuante. O que faz o dinheiro!... Ora, meu caro Nobrega, vou tomar neve ao Suisso... queres vir?

Pedro
Vamos; mas vai primeiro ao quarto de D. Ignez.

Luiz
A que?!

Pedro
A pobre menina deve estar soffrendo horrivelmente... Diz-lhe duas palavras que te não custam nada, e poupas-lhe muitas lagrimas...

Luiz

Rindo, e refletindo depois

Vá lá... vamos ser piegas... *(Vai, e pára no umbral da porta).*

Pedro

Á parte accendendo o charuto

Chama-se isto um homem do grande mundo...

Luiz

Recuando, e voltando as costas para a camara de Ignez

Temos choradeira!... Boas noites... Vamos, Pedro...

D. Ignez

Dentro com afflicção

Vem cá, Luiz...

(Luiz, primeiro indeciso, fica, dando a Pedro signal de sahir).

SCENA V

D. Ignez e Luiz d'Abreu

D. Ignez

Vem cá, Luiz, por piedade!

Luiz

Affabilidade ironica

Não é preciso invocar a piedade. Aqui estou, Ignez, dos melhores humores para ouvir a vigesima quarta lamentação; mas, senão ordenas o contrario, sê breve,

que me está esperando no pateo o meu amigo. Vamos ao importante: porque choras, menina?

D. Ignez

Se não sabes porque eu choro, Luiz... como t'o hei-de eu dizer?

Luiz

Ahi está um enigma, superior á minha intelligencia! Que te falta, Ignez?

D. Ignez

Falta-me o teu amor, falta-me o que me déste para eu poder esquecer-me de que sou uma mulher... infame...

Luiz

Infame!... porque?!

D. Ignez

Esta desgradação...

Luiz

Onde tocam jerarchias mais elevadas que a tua...

D. Ignez

Que resposta, meu Deus!

Luiz

Não me lembrou outra, e a mais acertada foi esta. Pois cuidas que se degrada a mulher que ama?

D. Ignez

Degrada, sim, quando o homem que ella ama...

Luiz
Resentimento contrafeito.

Sou eu?... Isso morde um pouco o meu orgulho... Quer a menina dizer que os homens como eu não ennobrecem, aviltam a mulher que amam...

D. Ignez

Que amam!

Luiz

Ou que amaram: entenda a phrase como quizer.

D. Ignez
Supplicante.

Que maneira tão cruel de desenganar!... Ó Luiz, que te fiz eu?! Porque me aborreces assim?

Luiz

Pois eu posso entender-te?! Tens um genio exquisito, e eu não sei amansar caprichos, ou não estou para isso.

D. Ignez

Caprichos!... quaes, Luiz? Será capricho perguntar-te a causa do fastio em que passas commigo duas horas por dia!? Será capricho, oh meu Deus! chorar porque não posso soffrer, sem magoar-me, sem morrer; o premio que me dás, ao cabo de dous mezes... de dous mezes!... Poucos dias depois que deixei minha mãi, já em ti não havia uma só palavra, um só carinho do homem que me fez esquecer mãi, honra, futuro, é Deus! Que alma tu tens, Luiz!... Nem a misericordia depois do amor! Oh! isto é muito!... eu não quero assim morrer vagarosamente... sósinha,

n'aquelle quarto, com a minha vergonha e os remorsos...

Luiz

Que queres tu, Ignez? Habitua-te ao meu genio, e verás que és feliz, como muitas outras, nas tuas circumstancias, desejariam sêl-o. Desejas sahir? sahiremos, e, quando os meus negocios me privarem de te acompanhar, sahirás com o criado. Liberdade reciproca, sem ultrapassar os limites do honesto, é a minha maxima n'este genero de convenção que liga duas pessoas, de modo que as cadeias não sejam pesadas. Se queres os carinhos d'outro tempo, dir-te-hei que não sou hypocrita, nem quero que me agradeças meiguices impostoras. O meu genio é este. Sou uma organisação defeituosa, ou perfeita de mais: como quizerem. O grande caso é que me não contrario, nem me reformo, porque não sei onde se refundem os homens, que sahiram defeituosos das mãos da natureza...

D. Ignez

Eras muito verdadeiro quando, ha dous mezes, me promettias uma eterna felicidade ao teu lado, como amante, e mais tarde como esposa?

Luiz

Mas, minha amiga, ainda estamos dentro d'essa eternidade que te marquei. Por ora, não faltei á minha palavra.

D. Ignez

Que zombaria!

Luiz

Valha-nos Deus... não nos comprehendemos...

D. Ignez

Eu comprehendo, Luiz... Abandonada, não é assim?

Luiz

Por minha vontade, não. Amo-te...

D. Ignez

Amas-me?!

Luiz

Como te amei sempre; e oxalá que eu podesse inspirar-te inteira confiança n'este amor, para...

D. Ignez

Diz, diz...

Luiz

Para que tu voluntariamente annuisses a um plano de que podemos tirar resultados... para...

D. Ignez

Para que?!

Luiz

Para se realisarem mui depressa os meus desejos e os teus.

D. Ignez

Que é?

Luiz

Eu preciso reconciliar-me com a minha familia, indisposta hoje commigo por tua causa... Sem reconciliar-me não posso alcançar uma posição social que nos dê uma subsistencia magnifica e deslumbrante como eu quero dart'a, minha Ignez. E, para pacificar

a guerra que minha familia me faz, é necessario convencel-os astuciosamente de que não cazo comtigo. Ora, para que elles se convençam, convem que tornes á companhia...

D. Ignez
Arrebatada

De minha mãi?! nunca! antes morrer... cala-te, por quem és... Vai, deixa-me que eu preciso desabafar esta afflicção nas lagrimas... És um homem feroz, Luiz!...

Luiz
Tomando o chapéo

E tu és uma pomba de mansidão, Ignez... Até mais vêr... (*Sahe.*)

SCENA VI

D. Ignez, e depois D. Maria

D. Ignez
Seguindo Luiz

Escuta... escuta, Luiz! (*Segue-o até á porta, e volta soluçando*). Como vós me castigaes, meu Deus! Eu não acreditava que o inferno é n'este mundo... É, é... Isto é que é ser punida!... Desprezada... abandonada!...Havia isto no mundo, e eu não tive quem m'o dissesse...Perdida... A paixão e a innocencia podem assim fazer desgraçada uma mulher!... Desprezada por este homem... é incrivel... Oh minha querida mãi, se me perdoasses... (*Ergue silenciosamente as mãos aos céos, e exclama depois com energia subita*). É uma inspiração, não é meu Deus? Eu obedeço... (*Aproxima-se da escrivaninha com re-*

solução). Escrever a uma mãi, quando se tem perdido tudo... Ha corações que nunca ensurdecem. *(Pega na penna)*.

D. Maria
Com um jornal

Dá licença, minha senhora?

D. Ignez
Enchugando as lagrimas

Tem a bondade de entrar?

D. Maria

Seu marido já sahiu?

D. Ignez
Perturbada

Luiz?... sahiu.

D. Maria

Vinha fazer-lhe uma pergunta; mas póde ser que v. exc.ª saiba responder-me. É do Porto, não é?

D. Ignez

Sou sim, minha senhora.

D. Maria

Casualmente vejo n'este jornal uma noticia copiada d'um jornal do Porto. É um caso bem triste! Eu leio, e v. exc.ª poderá talvez esclarecer-me o que ha de escuro na noticia. *(lê)* «Haverá dous mezes que um sujeito de boa familia, mas de depravados costumes, natural do Porto, roubou a uma estremosa mãi a sua filha unica, o seu amparo, toda a sua riqueza n'este mundo onde o quinhão da amargura lhe tem sido abundante.

Praticado o rapto, sem poder encontrar-se o infame nem a sua quarta ou quinta victima, a infeliz mãi desapareceu. *(Viva commoção em Ignez.)* Pessoas affeiçoadas áquella digna senhora, diligenciaram encontral-a mas inutilmente. Alguem disse que a viu passar aos Carvalhos, estrada de Lisboa; não ha provas, porém, bastantes. E supposto que até hoje não tenham apparecido vestigios, é de crer que a desgraçada mãi se tenha suicidado...»

D. Ignez

Cuja commoção tem crescido desapercebida a D. Maria

Ah!... Jesus!... Jesus!...

Fica em lethargo por momentos; convulsiva depois, é transportada por D. Maria a um canapé.

D. Maria

O que fiz eu, meu Deus! (*Toca uma campainha*) Eu estou douda com similhante acontecimento! (*Toca de novo a campainha*). Menina, não ouve? (*para o criado que chega*). Vem aqui ajudar-me a suster esta senhora... Snr.ª D. Ignez... Que gelo! (*apalpando-lhe as mãos*).

SCENA VII

Os mesmos, um creado, e Fernando Soares

No corredor

D. Maria

Snr. Soares, faz favor de entrar?

Fernando

Que é? está sem sentidos esta senhora? Que aspecto tão afflicto!

D. Maria

É uma desgraça...

Fernando

Isto é habitual ou foi algum desgosto?

D. Maria

Uma surpreza, uma imprudencia minha...

Fernando

Tenteando-lhe o pulso

Penso que vai passar esta situação... Dar-se-hia um refluxo de sangue ao coração? Veja a velocidade das pulsações no seio...

D. Maria

Parece que salta...

Fernando

O peor é uma congestão... espere... as palpebras estremecem...

D. Maria

Eu preciso dizer tudo como se passou... Não posso com a responsabilidade da minha imprudencia... mas eu não podia prever similhante cousa...

Fernando

Falle, snr.ª D. Maria...

D. Maria

Queira lêr a noticia d'esse jornal que está no chão.

Fernando
Lendo e depois de uma abstração profunda

É esta a pessoa de quem aqui se falla?

D. Maria

Sim, senhor.

Fernando

O que a roubou é um homem que me foi apresentado ha pouco, chamado...

D. Maria

Luiz d'Abreu.

D. Ignez
Convulsiva

Que é?

D. Maria.

Menina... olhe... não me vê?... Isto não pode assim demorar-se... um medico... já... (*o creado sahe*). Que hei-de eu fazer, senhor!?

Fernando

Que hei-de eu aconselhar-lhe? E' uma enfermidade que não obedece á pharmacia improvisada das consolações...Seria uma felicidade se chorasse: não conheço outro desafogo para estas angustias... (*reparando para o jornal*). Como se chama essa senhora?

D. Maria

Ignez.

D. Ignez
Com effusão

Bem haja, bem haja, meu bemfeitor; mas de pressa, antes que eu morra...

Fernando

Preciso, porém, esclarecimentos. Já sei que é do Porto: onde é que morava no Porto?

D. Ignez

Na rua do Rozario.

Fernando
Agitado

Desde quando?

D. Ignez

Desde que nasci.

Fernando
Suffocado

Como se chama sua mãi?

D. Ignez

Miquelina de Campos.

Fernando
Deixando cahir o jornal, e enxugando o suor na fronte

Miquelina... (*silencio*)

D. Ignez

Basta saber isto?

Fernando

Basta, basta saber isto... Quantos annos tem?

D. Ignez

Vinte e dous.

Fernando

Vinte e dous... *(á parte)* E se a demencia me surprehende?... Isto é morrer!... *(Ergue-se a beber agua d'um copo de sobre a mesa de jantar.)*

D. Ignez

É possivel saber-se, senhor?

Fernando

Á parte

A ultima punhalada... *(alto)* Quem foi seu pai... este jornal não falla d'elle...

D. Ignez

Não conheci meu pai!

Fernando

Morreu?

D. Ignez

É um segredo de minha mãi... ainda que eu o soubesse não o descobriria.

Fernando

Com ira reprimida

Para não deshonral-a? E a sua deshonra não lhe importa que seja publica?

D. Ignez
Suspensa

Que diz, senhor?!

Fernando
Mudando de tom

Nada... E este homem prometteu-lhe ser seu marido?

D. Ignez

Não respondo a similhantes perguntas feitas por um estranho... não sou obrigada.

Fernando

É.

D. Ignez

Como?

Fernando

Desculpe-me, minha senhora... A compaixão, que me está inspirando, faz-me sahir dos limites d'um mero estranho que lhe quer ser util... Desculpe-me até por estes cabellos brancos... V. exc.ª ama este homem?

D. Ignez

Amo!... pois não tenho eu dado uma prova bem segura de que o amo?!

Fernando

É amada?

D. Ignez

Que perguntas, meu Deus!... Martyrisa-me, senhor... Eu não quero as suas consolações.

Fernando
Colerico
É amada por elle?

D. Ignez
O senhor aterra-me!...

Fernando
Ainda não sentiu bem dentro o terror da sua situação. Ignez é uma mulher perdida!

D. Ignez
Senhor!...

Fernando
Está a cahir desamparada na extrema miseria...

D. Ignez
Oh! cale-se, por quem é!

Fernando
Matou sua mãe, e vai cada dia salpicar-lhe de lama a sepultura. Essa mascara de falsa vergonha que ainda hoje sustenta ha-de cahir-lhe ámanhã, e depois, Ignez, hão-de apontal-a ao dedo... é a devassa... a matricida, que vai passando...

D. Ignez
É horrivel, meu Deus, é horrivel!... Ó senhor... pelas chagas de Christo!... *(ajoelha). Batem com estrondo na porta.*

Luiz
Fóra

Abre, Ignez!

D. Ignez
Erguendo-se

É elle...

Fernando
Retendo-a

Elle... quem? *(sorrindo).*

D. Ignez

Deixe-me, que é Luiz... *(A porta é arrombada por um impuchão).*

SCENA IX
os mesmos, e Luiz d'Abreu

Luiz
Serenamente, fumando

Quadro interessantissimo!... Não se assustem por quem são... Eu vi Desdemona ajoelhada aos pés do mouro; mas troco por um calix de vinho a situação d'Otello. *(Bebe).*

D. Ignez

Luiz... que julgas tu?... diz-m'o por misericordia...

Luiz.

Eu não julgo nada que não seja d'este patusco planeta, chamado terra. Esteja a *son aise,* snr... snr... snr... já me esqueceu a sua graça... snr. brazileiro. Eu sou o homem mais cordato, a alma mais ingenua

que vive na crusta no globo. Não ha maroteira que me espante... Nada de susto.

Fernando
Sorrindo
Eu não estou assustado, senhor.

Luiz
Ainda bem... Recolha-se ao seu quarto, menina, ou antes ao seu camarim; nobre senhora Maria de Rohan de contrabando... Então? hesita? Eu já não mando aqui?

D. Ignez
Oh Luiz... é barbaro matar assim uma mulher que te pede de joelhos que a escutes... Estou innocente.

Luiz
Eu abomino a caricatura... Rocolha-se que eu tenho de fallar com este cavalheiro...

D. Ignez
Não, não me erguerei dos teus pés, sem que...

Fernando
Imperioso
Levante-se, mulher! *(Ella ergue-se e retira-se).*

Luiz
Isso é que é intimativa, cavalheiro... E o caso é que ella obedeceu!... O negocio está mais adiantado do que eu suppunha... Ora... sente-se aqui, meu caro patricio. O senhor pelo que vejo, crê que a pro-

priedade é um roubo... Communismo! viva o communismo! eu tambem sou da eschola illustrada... Parece-me que v. s.ª não está tranquillo!...

Fernando

O mais que se póde estar... não obstante recommendo á sua bondade a economia possivel de palavras.

Luiz

Eu tambem gosto do laconismo. O senhor deve saber que esta mulher não é minha mulher, nem é crivel que venha a sêl-o. Se o fosse, ou tivesse de o ser, v. s.ª a estas horas tinha passado á eternidade, com a sua reputação de millionario, e tres balas na cabeça.

Fernando

Rindo

O senhor é interessantemente comico... Tres balas!...

Luiz

Ri-se? pois valeu!... levemos isto a rir. A grande questão é: gosta da rapariga?

Fernando

Quer trespassar-m'a?

Luiz

De mão beijada e dizima a Deus. Está incommodado? *(Fernando ergue-se convulsivamente).*

Fernando

São nervos... é uma molestia que me ataca na Europa... Eu acceito o trespasse.

Luiz

Falla sériamente?

Fernando

Muito sériamente... Por quanto vende o senhor a mulher?

Luiz

Por quanto vendo? Eu não vendo...

Fernando

Então eu não acceito.

Luiz

Ah! já entendo... O senhor não quer perder os habitos do Brazil...

Fernando

Tenho escrupulos em tal contracto se elle não fôr bilateral. V. s.ª ha-de acceitar-me uma imdemnisação qualquer...

Luiz

O senhor é um grande exquisito.

Fernando

Eu saberei indemnisal-o do modo mais delicado; mas v. s.ª não ha-de recusar uma gratificação pela cedencia que me faz. O segredo morre entre nós tres; e a minha consciencia, que realmente é celebre, fica tranquilla. Quer?

Luiz

Entrego-me á descrição.

Fernando

Que tenciona o senhor fazer para deixar-me livre o terreno?

Luiz

Amanhã deixo Lisboa.

Fernando

E ella fica n'este hotel?...

Luiz

Bem claro... deixo-lhe carta de alforria...

Fernando

Sorrindo

De alforria, justamente... é essa a palavra juridica... e depois...

Luiz

Como v. s.ª se entende perfeitamente com ella, cá fica... *(Tropel, e vozes).*

SCENA X

Os mesmos, D. Miquelina, D. Maria, e depois D. Ignez

D. Maria

Menina, menina, aqui está sua mãe!

D. Miquelina

Espavorida, erguendo o véo preto

Minha filha, minha filha! *(Terrivel commoção em Fernando, que volta a face da luz)* onde está ella? *(vendo Luiz)* senhor Abreu, onde está minha filha?

D. Ignez
Delirante
Aqui, aqui estou, minha mãe *(abraçam-se)*.

Fernando
Á parte a Luiz
É melhor sahirmos.

Luiz
Diz bem.

Fernando
Para o meu quarto *(Sahem)*.

SCENA XI
D. Ignez, D. Miquelina e D. Maria

D. Miquelina
Eu não venho amaldiçoar-te, filha...

D. Ignez
Não venha, não venha, minha mãe... A maldição... a sua maldição sobre tal desgraçada não agradaria a Deus... Poupe-me a essa tortura... que eu conheço todas as outras... Tenho o coração despedaçado... Abençoe-me, já que recuscitou para mim... abençoe-me que eu estou nas agonias da morte.....

D. Miquelina
Não estás, meu anjo... quero que vivas.. Deus não quer a tua morte e a minha... tua mãi precisa de ti... Havemos acostumar-nos á vergonha, se não

ha nada que salve d'ella... Viveremos, viveremos sem escandelisar ninguem com a nossa presença... (*D. Maria retira-se*).

D. Ignez

Mãi, não posso...

D. Miquelina

Ignez... eu não te tirei nada do amor que te tinha... Ninguem sabe ser desgraçada, e ser mãi como eu sou... Ignez vive para meu amparo...

D. Ignez

Ai! é impossivel!... Eu quando fugi dos seus braços já sabia que não podia tornar a elles senão cadaver. Abraça o cadaver de sua filha, minha mãi...

D. Miquelina

Não posso nada sobre o teu coração infeliz?

D. Ignez

Póde muito...Porque não veio uma hora antes?... Se morrer assim, morro perdoando... Póde morrer-se santa com o crime escripto na face... O mundo não sabe o que se tem passado na minha alma...Eu tenho chorado por mim e por todas as infelizes nas minhas circumstancias... Não ha ultraje que eu não tenha conhecido... Fez hontem dous mezes que a deixei, mãi, minha santa mãi... Que dous mezes!... Sentir ao pé de mim arrefecer minuto a minuto o coração do homem que amei, que amo, sem poder ver-lhe os defeitos... Elle a ferir-me com toda a sorte de desprezos, e eu ... a cicatrizar com lagrimas, choradas no coração, na alma, no amor proprio... Invocar

a compaixão surda do céu, e as esperanças a morrerem...

D. Miquelina

Chora, chora, minha filha.

D. Ignez

Um dia era terrivel, mas o dia seguinte era peor... Hontem longas horas de silencio, hoje uma ironia, ámanhã um escarneo... Um encadeamento de crueldades novas para mim... Eu não pensei que se tinha alma para tanto... Se choro, consolam-me com uma zombaria; se mostro um sorriso de paciencia, chamão-me alma de lama... Aqui tem a minha vida com este homem... ha dous mezes...

D. Miquelina

Alma, minha querida martyr... abandona-te a mim... Eu ja chorei assim, comtigo nos braços, creancinha d'um anno... Mataram-me ha vinte annos, e um milagre conservou-me de pé, ao teu lado, porque eu não podia fechar sobre mim uma sepultura, e deixar-te sósinha na terra... Paga-me esta divida... não me deixes no fim da vida, porque eu te amparei no principio da tua... vence a paixão e a vergonha com tua mãi no coração.

D. Ignez

Não posso, não posso... é um segredo... ha-de ouvir-m'o logo... e depois um confessor...

D. Miquelina

Oh minha filha... tu aterras-me com o maior dos crimes... Envenenaste-te? responde!...

SCENA XII

As mesmas, e Fernando Soares
Embuçado

Fernando
Parando ao pé do grupo
Eis aqui uma mãi digna de tal filha.

D. Miquelina
Aterrada
Que voz é esta?

Fernando
Quer muito a essa filha?

D. Miquelina
Se lhe quero!...

Fernando
Perdoou-lhe?

D. Miquelina
Virgem santissima!... isto é um delirio!...

Fernando
Perdoou-lhe?

D. Miquelina
Perdoei...

Fernando
Não sente na presença d'ella a vergonha escaldar-lhe o rosto?

D. Ignez
Que homem é este, minha mãi?!

Fernando

Está justificada a deshonra da filha... vê-se que a desgraçada teve toda a liberdade para ser o que é...

D. Miquelina

Que posso eu fazer?

Fernando

Se não tem um braço capaz de cravar um punhal no algoz de sua filha, entregue-o ao carrasco...

D. Miquelina

Mas ella ama-o!

D. Ignez

Sim... sim...

D. Miquelina

E eu queria que elle fosse seu marido...

Fernando

Rindo

Seu marido!... não quero!...

D. Miquelina

Agora, sim, comprehendi tudo... *(com o rosto escondido entre as mãos).*

D. Ignez

Que é, minha mãe?... diga, diga...

D. Miquelina

Apontando, sem encaral-o.

Este homem... este homem é...

Fernando

Interpondo-se com a face sómente visivel a D. Miquelina

Quem póde ser este homem, senhora? *(Miquelina solta um grito, e Fernando, pondo o dedo nos labios, obriga-a a calar-se).*

D. Miquelina

Justiça de Deus!...

Vai cahir perturbada sobre uma cadeira. D. Ignez quer soccorrer a mãe. Fernando colloca-se entre ambas, e aponta-lhe imperiosamente o quarto. Ignez vai como arrastada por uma força invencivel.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO

O mesmo scenario do primeiro acto, excepto o apparato do jantar. É noite: a scena está apenas allumiada por uma vela.

SCENA I

D. Maria e o medico

D. Maria

Apontando o quarto de Ignez

É este o quarto, snr. doutor

Medico

A que horas suppõe a senhora que ella se envenenou?

D. Maria

Hoje ás nove horas, pouco mais ou menos. Tem tido agonias, suores frios, mas não quer deitar-se; conserva-se a pé, e parece que tem intervallos de descanço. (*Vê-se no corredor Fernando Soares*).

Medico

Observando o relogio

É meia noite... Apparece algum vidro ou boceta suspeita de veneno?

D. Maria
Tomando-a de sobre a mesa
Esta bocetinha, com um resto de pó...

Medico
Examinando
Tomou arsenico, mas a dóze foi pequena... Vamos.
(*Entra com D. Maria*).

SCENA II

Fernando Soares

Escuta á porta da camara d'Ignez, e vai sentar-se no mais sombrio da salla.

Fernando
É esta a minha corôa de gloria depois de vinte annos de lucta!... Não cuidei que tinha alma para estes espinhos... Decepção tristissima para um homem, que vem á patria, invelhecido no trabalho, tragando além todas as affrontas, abafando até osbrados da consciencia... matando todos os sentimentos bons do coração, para salvar um só... a esperança de uma filha... uma amiga no fim da vida... um premio a tribulações de vinte annos... Encontro a ignominia, e a ignominia que se não rehabilita com dous milhões. A impotencia do dinheiro!... Travei um duello com os revezes... cuidei que o ouro era uma arma invencivel... quebrou-m'a nas mãos a desgraça... Que terrivel combate de pensamentos n'esta cabeça!... Não se indoudece de afflicção e vergonha!... Ainda não tive uma verdadeira resolução de

matar este homem... E que homem!... Como elle dorme tranquillamente sobre o meu leito!... Ha espantosas organisações!... (*Sorri*). Que importa? nada o salvará... Alguma vez hei-de triumphar desta zombaria infernal que me escarnece.

SCENA III

D. Miquelina

Vindo de fóra, com um creado do hotel, e depois Maria.

D. Miquelina

Para o creado

Muito agradecida... (*o creado sae*).

D. Maria

Sahindo do quarto de Ignez

Já de volta, minha senhora? Que passou?

D. Miquelina

Com a carta do snr. Fernando Soares fui logo recebida pelo governador civil. Tratou-me muito bem... Deu ordens immediatamente. Eu queria agradecer ao cavalheiro, seu hospede, este serviço.

D. Maria

Elle apparecerá. O medico está lá dentro... vou mandar já já á botica...entre, entre... (*Sahe.*)

SCENA IV

D. Miquelina, e Fernando Soares.

D. Miquelina encosta-se a um tremó, como reanimando-se antes de entrar

D. Miquelina

Sem vêr Fernando

Tornarei eu a vêl-o, meu Deus?! Seria elle!...

Fernando

Meia voz

Senhora D. Miquelina.

D. Miquelina

Espavorida

Quê!...

Fernando

É d'este lado que a chamam... A hora é a dos phantasmas; mas tudo aqui é natural como a desgraça, e sensivel como a dôr das chagas que nunca fecham.

D. Miquelina

Indo na direcção da voz.

Carlos!...

Fernando

Erguendo-se

Carlos, não. Esse homem está morto no coração deste outro que aqui vê... (*ella ajoelha*) Que é isso? Nem na mulher, que se amou, póde tolerar-se uma posição humilhada... De pé, com a fronte bem altiva, e o coração bem soberbo daquelle nobre orgulho de pai.

D. Miquelina
Sem erguer-se

Eu tenho direito á tua commiseração, Carlos... Eu não me engano... é impossivel que não sejas.. Tu não vens matar-me, não?...

Fernando
Levantando-a

Matal-a! Quem lhe disse, senhora, que eu venho, sequer, inflingir-lhe um castigo que as suas lagrimas pretendem suavisar? Eu não a accuso...nem isso!.. Peço-lhe só conta da minha filha... È aquella mulher deshonrada, que alli está dentro?

D. Miquelina

Não poderei eu morrer n'este momento, meuDeus?!

Fernando

Não póde, porque todos temos um destino a cumprir... A Providencia não derroga as suas leis. Falta-lhe alguma cousa n'este mundo, senhora... Pois eu porque vivo ainda? Toquei a margem de todos os abysmos, e fiquei em pé. Não era bem natural que eu tivesse cahido? O meu abysmo era aqui...Um homem foi, o outro é hoje... O homem das alegrias, das esperanças passou; e o simulacro de homem, com cada fibra apertada n'uma tortura, ficou... È certo que o mau anjo venceu o bom; sinto o desconforto do céo; mas para alguma cousa o demonio me conserva. Só assim se explica a minha existencia aos quarenta annos.... Não se vencem, sem predestinação, as angustias que eu pizei debaixo do pé triumphante. Trabalhei vinte e dous annos para chegar a isto... *(com*

ironia). Abençoado trabalho!... Ora pois... é esta Ignez uma creancinha, que eu lhe deixei nos braços ha vinte annos? Diga, diga, que eu estou sentindo em mim o homem do passado...

D. Miquelina
Soluçando

É.

Fernando

Nunca lhe fallou em seu pai?

D. Miquelina

Não... julgava-te morto...

Fernando

Julgou bem... Podéra ter-lhe dito: «teu pai, filha, foi uma boa alma que eu amei muito. Eu era filha d'um fidalgo, muito fidalgo, muito pobre, e muito deshonrado para manter o emprestado luxo da sua posição. Elle era um simples escripturario d'um cartorio; mas sem uma nodoa que reflectisse deshonra na memoria de seus avós plebeus. Disse-lhe que me tirasse de casa, quando a tua existencia, filha, vinha dar testimunho d'um grande amor e d'um grande crime... Eu sahi sem uma joia que valesse dez reis. O amanuense trabalhava dia e noite para alimentar-me. Adorava-me, obedeceu-me. Meu pai descobriu o raptor, que pôde salvar-se. A elle persegui-o em toda a parte, e a mim fechou-me n'um quarto sem luz nem ar. Teu pai, fugitivo, teve sede, e frio, e fome; mas as esperanças aqueciam-n'o, e alimentavam-n'o. O desgraçado parece que tinha orgulho de soffrer por mim. Nunca teve um instante de arrependimento! Meu pai empregou a branda persuasão para dissuadir-me de tão monstruoso amor. Disse-me

que era menos ignominoso ficar solteira e mãe que ser casada com um amanuense de tabellião. Os fidalgos meus parentes rodearam-me, e... convençeram-me. Acreditei-os... julguei-me infamada, vacillei, arrependi-me, e reneguei uma paixão indiscreta. Quizeram que eu te lançasse dos meus braços, filha do plebeu, vergonha de meus avós; mas não pude tanto. Fui eu, se não expulsa, encerrada em uma obscura casa, recebendo alimentos que meu fidalgo pai me arremessava com desprezo... Teu pai era ainda perseguido... Uma noite vi-o ao pé de mim... foi a primeira e ultima vez que te viu... tinha-te nos meus braços, creancinha de tres mezes... «Foge comigo— disse-me elle... —dirás a bordo do navio que és mulher do marujo Fernando!...» não fujo... —respondi-lhe eu — «meu pai amaldiçoa-me, e eu temo as penas do inferno. Teu pai sahiu... e depois...»

Fez bem não contar isto a sua filha... Não ha mãe que se innobreça com similhante historia. Ha fragilidades que honram uma mulher; mas não são estas... O conto assim não é edificante nem pela virtude, nem pelo heroismo da paixão... D. Miquelina temeu então as penas do inferno... hypocrisia... penas do inferno são estas, não lhe parece?

D. Miquelina

São... são... Ó Carlos, porque me não perdoas?

Fernando

Pois eu condemno-a?!

D. Miquelina

Ajuda-me a salvar nossa filha!...

Fernando

Como é que se salvam estas mulheres?... Não devo ouvil-a mais, senhora... ouço passos... Absoluto silencio a meu respeito... Entre no quarto de sua filha... Vá vêl-a morrer... *(D. Miquelina entra no quarto de Ignez).*

SCENA V

Fernando, e depois um creado

Fernando

Como esta mulher foi bella!... Passaram só vinte annos... O que terá ído n'aquelle coração para que a face invelhecesse assim!... Vinte annos!... Chora-se, quando se vê assim a mulher que se viu vaidosa da sua formosura, cercada de tudo que adoça a existencia, e não deixa assaltal-a o pensamento da velhice desgraçada... Esta é que é uma Miquelina que eu amei!... A vida!... A vida!...

Creado

O snr. Luiz d'Abreu disse-me agora que fizesse sahir as malas d'elle, sem que se désse fé; minha ama não quer que eu faça nada sem dar parte a v. s.ª e como o vi entrar para aqui...

Fernando

Vai dizer ao snr. Luiz d'Abreu que entre n'esta sala que eu estou aqui. *(O creado sahe)* Aproxima-se um terrivel momento!... Que diliciosa existencia esta!... Quem invejará os milhões d'este homem!...

SCENA VI

Fernando e D. Maria

D. Maria

Pois estava aqui? Sabe as ordens do malvado?

Fernando

Sei.

D. Maria

D. Miquelina fallou com o governador civil...

Fernando

Sei tudo.

D. Maria

Entrou no quarto da menina?... Sabe como ella está?

Fernando

Não sei...

D. Maria entra, levando um vidro de remedio, ao quarto d'Ignez.

SCENA VII

Fernando Soares, e Luiz d'Abreu

Fernando

Ainda só

Quem poderá comprehender estas agonias? Muito forte é o homem, até desamparado da providencia!...

Luiz

Fumando, e espreguiçando-se

Estas trevas são romanticas... Parece que desci á região das sombras... Sabe o senhor que acordei com um pessimo sabor na bôca! Sinto uma desagradavel preoccupação no estomago...

Fernando

Sorrindo

É admiravel a fortaleza do seu espirito! Converte as tragedias em farças admiravelmente!

Luiz

Pois a vida sem isto póde lá soffrer-se!... Que me diz o senhor de novo? A mãi de Ignez adormeceu, ou tem feito bravuras? Naturalmente está lá dentro com a dona da casa... Sabe que mais? palpita-me que não vai por diante a nossa convenção...

Fernando

Porque?

Luiz

A pequena cá pelos meus calculos, vai para o Porto com a mãi, e o meu amigo segue-a, e espreita occasião propicia para a tomar d'assalto... E acho que faz bem...

Fernando

Risonho

Linguagem technica com que v. s.ª trata estas materias! Affigura-se-me um homem prodigioso o snr. Abreu! A minha vontade era estudar-lhe o interior da cabeça.

Luiz

Achava uma cabeça perfeitamente organisada, segundo correm os tempos.

Fernando

E o coração?

Luiz

O coração é um musculo ôco, dizem os anatomicos.

Fernando

Solemne

Oco não... o seu está cheio... é o repositorio de todas as fezes, a machina onde se trabalham primores d'arte de perversidade, de infamia, de... (*mudança de tom*) Desculpe a vocabulo que é forte, meu respeitavel senhor... (*toca-lhe no hombro*)

Luiz

Rindo

Palavra d'honra... pensei que o snr. ia formalisar-se!... Teria muita graça a sua austeridade, á ultima hora!...

Fernando

A' ultima hora... diz muito bem... Queira dizer-me, snr. Abreu: esta aventura de certo não é a primeira que desfructa?... Antes d'esta rapariga, algumas outras devem ter deixado um rasto de lagrimas para a ultima que se segue...

Luiz

V. s.ª está sentimental!

Fernando

Não, senhor: é que fallo sempre assim em linguagem de romance.

Luiz

E Paulo de Kock não... Isso é da tragedia em cinco actos... linguagem de *centro*...

Fernando

Ora responda serio, cavalheiro: teem sido muitas as conquistas?

Luiz

Com fatuidade

Algumas... Tenho matizado a vida o melhor que posso; mas hoje sinto-me um pouco abatido, e voto de preferencia por as delicias do estomago... Fiz o que poucos fazem.

Fernando

E não tem encontrado nunca um florete, uma bala, um punhal...

Luiz

Nem receio disso. A sociedade está sufficientemente corrompida para me não chamar a contos de moralidade. A virtude é contrabando entre nós. Se nos agarram com ella, perde o tempo, e os lucros. A corrupção mata a energia dos brios, e recebe todas as immoralidades como factos consummados. Quem podér, goze... «Os mortos vão depressa» diz a balada; mas os vivos não vão muito de vagar. Eu penso assim, e tenho cá as minhas razões... *Le suis l'enfant de mon siecle*... Os francezes é que sabem viver... Aqui é necessario educar esta sociedade...

Fernando

Sim!? não cuidei que viviamos no goso de uma liberdade tão plena de ensinar... Por isso v. s.ª estranhou, sorrindo, a minha austeridade á ultima hora... Quem cá vier ensinar a doutrina da honra, deve de ser bem ridiculo!... Mas... quem sabe se o snr. Abreu vive enganado com a sociedade!... Póde ser que v. s.ª tenha tido a ventura de encontrar as excepções... E' impossivel que a regra seja o que o senhor julga... Eu sou um fragil membro d'esta sociedade; tenho sentido o contacto de todas as pustulas, e não me sinto tão grangrenado! Posso até affiançar-lhe que, na posição desgraçada do pai d'essa mulher que ahi está dentro em agonias... v. s.ª a estas horas — deixe-me parodiar a sua phrase de ha pouco — tinha passado á eternidade, com a sua reputação asquerosa, e pelo menos uma bala na cabeça...

Luiz

Essas excellentes theorias variam muito na pratica. É o inconveniente de todos os systemas philosophicos. Um homem não se mata como quem mata um javalí: é uma cousa muito séria matar um homem acordado... Mas, deixe-mo-nos de hypotheses funebres, meu estimavel cavalheiro. Não estabeleçamos dialectica de moral, visto que não ha auditorio. Eu entendo que o mais logico na minha situação é retirar-me. Receio algum passageiro incommodo que possa dar-me a justiça, movida pela mãi de Ignez.

Fernando

Quer retirar-se já?

Luiz

Á cautella... Uma boa retirada vale um a feliz batalha... É cà um dos aforismos da minha estrategia... Cada especie tem o seu Napoleão.

Fernando

Então vamos saldar contas.

Luiz

Contas?! Eu não lhe devo nada...

Fernando

Eu é que sou o devedor, o devedor honrado, meu amavel senhor. Pois não ficamos em v. s.ª acceitar-me uma gratificação pela cedencia?

Luiz

Deixemo-nos de celebreiras, meu amigo... (*Vai retirar-se: Fernando retem-o*).

Fernando

Toca uma campainha

Queira esperar.

Luiz

Á parte

Que quer dizer isto? Teremos asneira?...

SCENA VIII
Os mesmos, e D. Maria

Fernando
A D. Maria
A senhora D. Ignez que entre n'esta salla.

D. Maria
Está-se esperando o effeito do remedio... Está soffrendo muito... é impossivel vir por seu pé.

Fernando
Que entre n'esta salla, e só. *(D. Maria entra no quarto).*

Luiz
Que quer o senhor fazer? A que vem Ignez aqui? O senhor não responde?! eu retiro-me...

Fernando
Voltando de fechar a porta
Eu não fecho a porta com medo que o senhor se retire... é que não quero que nos ouçam. Pois v. s.ª não quer vêr os effeitos do veneno na face d'essa mulher que ahi vem!? É um estudo curioso...

Luiz
Mas o que quer dizer isto?!

Fernando
Quer dizer que o snr. Luiz d'Abreu não tem da sociedade em que vive um conhecimento perfeito... Esta sua ultima immoralidade *não foi ainda recebida como facto consummado.*

SCENA IX
Os mesmos, e D. Ignez

D. Ignez, desfigurada, exprimindo sempre grande agonia; Fernando indica-lhe um canapé, e ella senta-se.

D. Ignez

Minha mãi não veio?! porque não está aqui minha mãi?! Ella disse que vinha comigo...

Fernando

Não está aqui, porque nem tudo se póde dizer deante de sua mãi...

D. Ignez

Póde... não tenho segredo nem desgraça que ella não conheça... Quero aqui minha mãi...

Fernando

Para que?! não lhe basta o amparo d'este cavalheiro por quem trocou sua mãi?... Onde está o homem, que se ama, estão resumidas todas as necessidades d'uma mulher estremosa...

D. Ignez

Pois eu vim aqui para me escarnecerem?!... Deixem-me morrer... dêem-me um confessor que quero salvar a minha alma... A zombaria comigo é uma crueldade que eu não mereço a ninguem, e muito menos a ti, Luiz.. (*estendendo-lhe a mão*) Adeus... Depois de tantas amarguras, de tantos aviltamentos... perdoo-te... (*Ergue-se com transporte para tomar a mão de Luiz, que não ousa fixal-a, e Fernando obri-*

ga-a a affastar-se com impeto colerico, e muda logo para o sorriso.)

Fernando

Pois tem a suspeita de que foi muito aviltada, menina? Reanime-se que vai ser feliz: eu vou cicatrizar as feridas rasgadas pelo snr. Luiz d'Abreu. Este cavalheiro acaba de fazer-me uma cedencia amigavel.

Luiz

Colerico

Senhor!

D. Ignez

Que ouvi, meu Deus! Uma?

Fernando

Tranquillo

Eu menti, snr. Abreu? Essa irritação é incoherente com o seu caracter franco... Nada de biôcos de honra sobreposse. O segredo é de tres.

Luiz

Cerrando os punhos em ameaça

Isto é uma covarde traição!

Fernando

Severamente

Não é traição: é que sou muito acautelado nos meus contractos. Para provar-lhe que não falto á menor condição estipulada, e para que a minha consciencia fique pura de escrupulos, vou dar-lhe a gratificação promettida. (*Abreu recua alguns passos. Fernando atira-lhe á face uma bolsa*).

D. Ignez
Erguendo-se em fuga

Minha mãi, minha mãi!...

Luiz d'Abreu tira um punhal e accommete-o; Soares uma pistola, sem recuar; Abreu pára, e contemplam-se silenciosamente.

SCENA X

Os mesmos, D. Miquilina, D. Maria e o Medico

D. Miquelina
Sahindo do quarto

Filha, filha, que é?

D. Ignez
Com a face escondida no seio da mãi

Morro!... ouvi uma cousa horrivel!... Desfasse-me o coração... Agora sim... mataram-me!...

Fernando
Para Abreu

Até que emfim encontrou um estorvo... A perversidade não lhe inspira nada? Tudo isto lhe parece um sonho desagradavel... e nada mais? Acorde, e possua-se bem da magestade d'esta scena. Um conquistador da sua força deve ter espectaculos destes para contar. Feitos taes são os que fazem a reputação d'um elegante... Dar-se-ha caso que o senhor esteja gozando voluptuosamente aquelle quadro?! (*aponta o grupo de mãi e filha*) Olhe... é uma mãi penitente abraçando uma filha deshonrada... Aquillo é triste...

Chora o coração... São pobres. Aquella filha tem de mercadejar a subsistencia de sua mãi... A caridade publica promètte recebel-as a ambas n'um hospital. Quer v. s.ª por grande misericordia lançar uma moeda de cobre no regaço d'aquella mulher? Barato lhe fica tamanho triumpho! (*obrigando-o a encaral-as*). Porque não ha-de vel-as, senhor? São a sua obra... Reveja-se bem n'aquelles trophéos... Vá agora cuspir na face de ambas... (*com terrivel reconcentração.*) Aqui tem o senhor um braço cuja energia a corrupção não enfraqueceu... Posso até asseverar-lhe que o cathalogo das suas victimas acaba alli.

Luiz

Comprehendo que o senhor é um assassino, e assassino por gosto... Ameaça-me com a morte, sem algum titulo nobre que possa desculpar esse procedimento.

Fernando

Quasi ao ouvido

Tenho a franqueza de querer justificar-me aos seus olhos, infame... O senhor sabe o que é ser assassino mas não sabe o que é... o que é... ser pai...

Luiz

Assombrado

Seu pai!...

D. Ignez

Que disse elle!

D. Miquelina

Sim, sim, teu pai! de joelhos... de joelhos, minha filha!...

D. Ignez
Como arrastada

Não é possivel... estou passando pelo delirio uma febre... é o veneno...

D. Miquelina

Não, Ignez... é teu pai... ajoelha comigo.

Fernando
Severamente

Afastem-se...

D. Ignez

Que eu não morra sem o seu perdão... Estou venenada... pouco posso viver... Não me am çoe!...

D. Miquelina

Carlos! tua filha que se ajoelha... escuta-no Ella morre sem ter ouvido de seu pai uma palav amor.

Fernando
Muito compungido

E eu sem ter merecido ao genero humano lagrima de compaixão...

D. Miquelina

Salva-nos a ambas... salva-nos, Carlos.

D. Ignez
Muito angustiada

Que nos deixe ao menos morrer abraçadas, çoando o seu nome.

Medico

Fui chamado para curar esta senhora d'um envenenamento, e como medico declaro que esta situação não póde demorar-se. Ou vêl-a morrer aqui, ou tentar o ultimo esforço para salval-a.

Fernando

Erguendo com ternura sua filha

Vai... filha, vai... Se morres, ou vives, não poderei salvar a tua reputação... mas vingarte-hei, vingar-nos-hemos... Doutor... salve-m'a...

(D. Ignez é transportada ao quarto, nos braços do medico e da mãi. D. Maria sae pela porta do fundo.)

SCENA XI

Fernando Soares, e Luiz d'Abreu

Fernando

Cruzando os braços defronte de Luiz

O senhor é um homem a quem não póde propor-se um duello. Entre dous homens que se batem é preciso que o pundonor tenha sido reciprocamente ultrajado.

Luiz

Eu não me recordo de o ter offendido ao senhor... Ainda assim... se me propoe um duello... entre cavalheiros... ha certas formalidades...

Fernando

Eu não lhe proponho um duello... Vergonha para mim se lhe désse gotta do meu sangue!... o que o

senhor quizer... É um capricho de assassino por prazer... que move a punil-o por ter atirado á desgraça uma fragil mulher que não póde travar armas comsigo... Eu sou o pai da sua victima, senhor! Tenho dito tudo.

Luiz

Eu não o conhecia como tal...

Fernando

Com serenidade

Quer dizer que uma senhora, sem pai conhecido, póde ser arrastada pelos cabellos dos braços de sua mãi aos da prostituição, e d'ahi ás agonias do veneno, e do veneno á sepultura... E o mau homem que *matisa* com infamias taes a sua existencia, não é obrigado a descobrir-se perante a sociedade que lhe pede contas da mulher sacrificada a uma paixão feroz... A serenidade com que eu discuto, senhor!... Bem vê que o estou estudando...

Luiz

Ha um meio prompto de rehabilitar sua filha.

Fernando

Qual?

Luiz

Não duvido casar com ella.

Fernando

Casar com ella!... O senhor póde por ventura rehabilitar mulher nenhuma!? Que pai lhe daria uma filha, homem tres vezes infame!? Offereceu-m'a ha pouco... cedeu-m'a com o contentamento d'um cigano que passa um pessimo cavallo... Miseravel!... que tem

ella agora que mais valha para ser mulher?... *(Tira, convulsivamente, uma pistola. Tropel no corredor, e luzes.*

SCENA XII

Os mesmos, e o Administrador do bairro, Escrivão, D. Maria, e creados.

Administrador
Lendo um officio

Qual dos senhores é Luiz d'Abreu, natural do Porto?

Luiz
Á parte

Estou salvo! *(alto)* Sou eu, senhor.

Administrador

Siga-me: eu sou o administrador deste bairro, e prendo-o por ordens superiores.

Luiz

Promptamente. *(Quer seguil-o).*

Fernando

Esperem.

Administrador

Não soffre delongas a execução do mandado do governo civil. Este senhor tem de ser posto em custodia immediatamente.

Fernando

Esperem *(para o administrador)* O senhor sabe porque é preso este homem?

Administrador

Por um crime de rapto.

Luiz

Eu provarei que se não rapta uma mulher que nos segue muito por sua livre vontade. E de mais, eu estou prompto a casar com ella.

Fernando

Para a auctoridade

Diga-me: os infames d'esta ordem como são punidos em Portugal?

Luiz

Note, snr. administrador, que sou insultado vilmente por este homem... Estou debaixo da lei.

Fernando

Para o administrador

Responde-me, senhor?

Administrador

O crime de rapto tem penas designadas no codigo penal, segundo as circunstancias.

Fernando

Poucas palavras a uma pergunta simples... Ha uma forca? Um pai, rico ou pobre, póde levar á forca o malvado que lhe atira aos pés o cadaver deshonrado de sua filha?

Administrador

Isso decide-se nos tribunaes, mediante um processo.

Fernando

É muito demorado esse processo?

Administrador

Tem os tramites da lei, testimunhas, depoimentos, provas, um juiz em fim.

Fernando

Que provas, senhor? O que são aqui as provas? Quem vem depôr ao tribunal contra este homem? É essa mulher que ahi está dentro agonisando?!

Administrador

Nãs sei... o preso é ámanhã entregue ao crime, e seja-lhe v. s.ª parte.

Fernando

Engatilhando a pistola

Eu não sou parte, sou juiz.

(Abreu é ferido no peito, e cahe sobre a canapé.)

SCENA FINAL

D Maria, e D. Miquelina, dentro

Está salva! está salva!...

D. Miquelina

Attribulada

Oh Carlos! que fizeste?... nossa filha não morre!...

Fernando

Tranquillamente

Pois que viva! Não terá de córar deante d'esse infame... *(para o administrador)*. O preso sou eu, senhor.

FIM.

